

O Leitor em sinuca: questões de recepção literária

Luciéle Bernardi de Souza¹ (graduanda Letras Português/UFSM)

Resumo: Este trabalho apresenta o fenômeno da recepção da obra literária *Meninão do Caixote* a partir de conceitos postulados pela teoria da recepção literária, cujos principais representantes são Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser. Para tal, foram analisados os principais elementos envolvidos nas diferentes leituras da narrativa do escritor João Antônio, ressaltando o papel do leitor como um elemento essencial na concretização da obra literária. Os resultados deste trabalho procederam da análise de leituras realizadas por alunos pertencentes ao projeto de extensão “Ler e Contar, Contar e Ler” da Universidade Federal de Santa Maria-RS no segundo semestre do ano de 2011.

Palavras-chave: leitor; estética da recepção; leitura.

1. INTRODUÇÃO

O leitor, fruto da sociedade moderna, no decorrer de toda a história da crítica literária sempre foi um elemento que permaneceu à margem dos estudos desenvolvidos por esta crítica. Tal situação altera-se somente a partir do início dos anos 60 com o surgimento da Escola de Constança² que, através da corrente teórica da Recepção e do Efeito Estético, começa a evidenciar o elemento receptor, tão importante no processo de constituição do fazer literário. Tal elemento abandona o anonimato em que se encontrava e muda seu status de “ator coadjuvante” para o de “ator principal” subindo ao palco da crítica literária. Desse modo, as últimas décadas do século XX foram determinantes para que os estudos relacionados ao leitor comessem a trazer à tona questionamentos e concepções até então relegadas ou desconhecidas pela maioria dos teóricos literários.

O teórico literário Terry Eagleton (2006), a respeito da figura do leitor em relação à figura do autor e da própria obra literária, discorre sobre a importância desse receptor, no sentido de que o significado de uma obra literária não se esgota nas intenções de seu autor, pois, quando a obra passa de um contexto histórico para outro, novas interpretações de sentido e significados são atribuídas ao texto pelo leitor, e é provável que eles nunca tenham sido imaginados pelo seu autor³.

¹ lucielebernardi@gmail.com

² Surgida na Alemanha em um momento histórico de grandes transformações sociais e culturais que, influenciaram diretamente o saber científico da época bem como e a reforma universitária, a corrente teórica postulada por Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss e denominada Estética da Recepção, apresentou de forma particular uma nova visão em torno do fato literário, proporcionando ao debate conceitos como: recepção literária, horizonte de expectativas, atualização da obra literária, dentre outros que passam a ser o foco de estudos e investigações no campo da teoria literária contemporânea.

Ao encontro das afirmações de Terry Eagleton (2006) sobre o escritor, em que o mesmo cria um leitor hipotético, mas, nunca sabe exatamente qual é o perfil exato do leitor que lerá seu texto, apenas “deduz” esse perfil Roland Barthes, afirma categoricamente:

Como instituição, o autor está morto: sua pessoa civil, passional, biográfica, desapareceu; desapossada, já não exerce sobre sua obra a formidável paternidade que a história literária, o ensino, a opinião tinham o encargo de estabelecer e de renovar a narrativa. (EAGLETON,1996, p.39)

Contemporaneamente nem obra e nem autor desempenham a importância que exerciam em relação aos demais componentes da prática literária de outrora. Para a Escola de Constança, a obra literária não é mais, e apenas, um artifício trabalhado verbalmente, mas sim um objeto decorrente de uma série de procedimentos tanto técnicos como estéticos que, gera um determinado efeito no seu receptor. O receptor desta obra deve através de inúmeros fatores externos e internos a mesma, buscar os níveis de significância que a mesma pode compreender. A respeito dessa possibilidade de compreensão da obra literária, o teórico Umberto Eco⁴ assegura que, um texto literário possui conteúdos “virtuais” ou “potenciais” que devem ser atualizados pelo receptor para que a obra se concretize, além disso, aponta para os limites interpretativos do leitor que se configuram na materialidade do texto. O conhecimento trazido pelo leitor, em relação ao processo de leitura da obra, tem grande importância na produção de um sentido para a mesma, pois, o texto literário, até o momento considerado como algo fechado, ganha a dimensão de uma “obra aberta” que é concretizada somente a partir do ato da recepção.

Desse modo, procuraremos destacar, neste trabalho, quais as diferentes recepções do texto literário denominado *Meninão do Caixote* (1976) a partir do uso de elementos teóricos relevantes para a compreensão das mesmas, pretendendo desta forma afirmar e justificar diferentes leituras de uma mesma obra.

2. REVISÃO DA LITERATURA

³“O escritor pode não pensar em um determinado tipo de leitor, pode ser soberanamente indiferente a quem vai ler sua obra, mas um certo tipo de leitor já está implícito no próprio ato de escrever, funcionando como uma estrutura interna do texto.” (p.127)

⁴Referência a sua obra, *Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

A base teórica deste trabalho é formada essencialmente por conceitos formulados por pensadores pertencentes à escola de crítica literária denominada Escola de Constança, cujo aporte teórico prioriza o leitor, elemento essencial do fazer literário e da concretização de uma obra.

Anterior ao surgimento da Escola em questão, a crítica literária voltava-se essencialmente para a figura do autor ou da obra literária, sendo este primeiro considerado o único responsável pelo sentido “verdadeiro” da mesma.

O teórico Hans Robert Jauss (1979) postula que, uma obra literária só passa a existir enquanto obra de arte, quando é atualizada, no momento em que é lida. Ideia também considerada pelo teórico Terry Eagleton (2006), pois, afirma que, textos literários “não existem nas prateleiras das estantes: são processos de significação que só se materializam na prática da leitura. Para que a literatura aconteça, o leitor é tão vital quanto o autor” (EAGLETON, 2006: 149.). É, portanto, no contato do leitor com o texto que a obra se “atualiza”, e conforme o leitor vai lendo-a, vai concomitantemente construindo perspectivas que a princípio são oferecidas pelo próprio texto e, posteriormente, de acordo com suas próprias vivências enquanto ser humano realiza adaptações em relação ao sentido da obra, muitas vezes negando ou reelaborando o processo de compreensão e interpretação nas diferentes vezes em que se depara com ela. A relação entre sentido atribuído e leitura não é mais pensada como algo estático ou já estabelecido, mas sim algo que está em constante transformação e circulação.

Destacamos, de acordo com autores como Iser e Jauss que, leitor e autor exercem papéis de igual relevância perante uma obra literária, o segundo deve “apontar” para o primeiro as “lacunas” estruturais para que este as encontre. O autor não tem como “controlar” as diferentes recepções individuais que seus leitores obtêm do texto, e isso corrobora para a existência de diferenciadas interpretações e atribuições de sentido à um mesmo texto.

O efeito estético antecede a compreensão, mas também é dele formador, sendo assim, a teórica literária Regina Zilberman assegura, em relação ao papel da *compreensão* do leitor sobre o que o mesmo lê:

Partindo da idéia de que a experiência estética possui de antemão um componente cognitivo, a teoria estética recepcional reivindica a partir das noções de fruição compreensiva e compreensão fruidora, que “só se pode

gostar do que se entende e compreender o que se aprecia” (ZILBERMAN, 1989, p. 53).

A recepção de um texto literário, como estamos verificando, é permeada por inúmeros fatores. Uma obra nunca vai manter exatamente o mesmo diálogo com receptores diversos em tempo e espaço distintos, com valores culturais e normas sociais diferenciadas. O leitor em seu encontro com o texto traz metaforicamente sua mala carregada com conceitos, vivências, visões, deslumbramentos e expectativas, e é desse modo que embarca na leitura.

A respeito das diferenciadas interpretações em diferenciados momentos históricos, Hans Robert Jauss (1979) nos apresenta o conceito de “horizonte de expectativas”, conceito tal, que nos ajuda a compreender a atribuição de significações e sentidos dos leitores na narrativa *Meninão do Caixote* (1976). O horizonte de expectativas de um leitor é composto por um esquema referencial que o mesmo possui de conhecimentos prévios em torno da obra e das experiências vividas trazidas para o encontro com o texto. Formadores do horizonte de expectativa os elementos (social, intelectual, ideológico, linguístico, etc.) se moldam, ou são regidos por pressupostos culturais presentes em qualquer ato de leitura. Constantemente sendo alterado por informações que o texto oferece em sua estrutura, e que podem levar o leitor a romper com suas expectativas mudando (ou não) suas projeções até então estabelecidas por outras experiências de leituras, o horizonte de expectativa de um leitor é completamente plástico e mutável. As ações projetivas dos leitores comandadas (segundo Iser) pelos “vazios” ou lacunas que o texto oferece, além de outros elementos, tem direta ligação com o horizonte de expectativas de cada leitor.

Sobre as lacunas a serem preenchidas, Roman Ingarden (1965) afirma que, “a obra é possuidora de pontos de indeterminação e de esquemas potenciais de impressões sensoriais” (INGARDEN, 1965, p. 47) elementos estes, retomados pelo teórico Wolfgang Iser em seus escritos, de modo que, para ele a construção textual (realizada pelo autor) é projetada para o receptor preencher as lacunas (atividade catalisadora), que podem ser caracterizadas como informações necessárias para a compreensão e completude da obra literária. A definição de “vazios” por Iser, e suas contribuições para respaldar as diferentes formas de leitura pelos leitores é:

Os vazios e as negações contribuem de diversos modos para o processo de comunicação que se desenrola, mas, em conjunto, têm como efeito final aparecerem como instâncias de controle. Os vazios possibilitam as relações entre as perspectivas de representação do texto e incitam o leitor a coordenar estas perspectivas. Os vários tipos de negação invocam elementos conhecidos ou determinados para suprimi-los. (ISER,1979, p. 91)

O conceito de “vazios” é, portanto, de suma importância para este trabalho, pois auxiliará na compreensão do diálogo e das leituras, da narrativa de João Antônio, realizadas pelos participantes do projeto “Ler e Contar, Contar e Ler”.

O estudioso Garcia Barrientos nos apresenta a conceituação de “leitor modelo” ou “lector implícito”⁵, conceito este já trazido outrora por Iser (1996), denominado como uma categoria intermediária entre o leitor literário e o real. Leitor implícito é o leitor (hipotético) que contempla uma série de requisitos (léxico, temática, referências culturais, gramática) solicitados pela materialidade do textual (consolidado no texto) e consequentemente determinados pelo autor, cuja funcionalidade é conseguir o efeito desejado. O “lector implícito” possui uma competência legítima que o leitor real pode eventualmente não possuir. Já o “leitor real” (empírico) é aquele que lê efetivamente o texto reconhecendo (ou não) em diferentes níveis de leitura questões ontológicas presentes em toda a obra considerada clássica.

Porém, o leitor que nos interessa nesse trabalho é o de carne e osso, ao contrário do leitor implícito, é o leitor real, conceituado por Hélio de Seixas Guimarães (2004), em seu estudo sobre os leitores em Machado de Assis, como sendo o leitor que:

(...) está implicado no ato da escrita e participa da estrutura interna do texto que, por definição, sempre tem uma intenção de estabelecer comunicação, ainda quando afirma a precariedade ou a impossibilidade da comunicação ou quando ironiza o leitor, buscando antes sua reação e não necessariamente seu assentimento (GUIMARÃES, 2004, p. 43).

3. METODOLOGIA

Este trabalho é resultado de um recorte dos resultados parciais do projeto de extensão denominado “Ler Contar, Contar e Ler”⁶ que, iniciado no ano de 2010, tem a

⁵ “el lector implícito es la instancia capaz de ‘realizar’ las intepretaciones legitimables, capaz incluso de llenar los huecos, los ‘espacios em blanco’ del texto” (BARRIENTOS, 1996:60). Wolfgang Iser (1996) também conceitua o leitor implícito, como sendo aquele leitor que, “proporciona o quadro de referências para a diversidade de atualizações históricas e individuais do texto, a fim de que se possa analisar sua peculiaridade” (ISER, 1996:34).

cada semestre novos participantes sendo que, no segundo semestre de 2011, cujos resultados presentes neste trabalho derivam, contou com o número de 15 inscritos.

Neste artigo serão expostos apenas três discursos (angariado de anotações e um questionário pós-leitura preenchido pelos leitores) dos participantes, visto que, esta restrição facilita a organização da relação entre a leitura dos mesmos em relação ao conto. Em síntese, este trabalho tem como objetivo primordial expor alguns resultados parciais sobre o modo como os alunos realizaram a recepção da narrativa intitulada *Meninão do Caixote* (1976) a partir das discussões do conto realizadas.

Nos encontros realizados pelo grupo priorizou-se sempre o não direcionamento dos participantes quanto à realização de uma leitura já previamente “construída” do texto literário, leitura esta que, atribui um sentido já “pronto” ao mesmo, não permitindo a abertura da plurisignificação intrínseca à obra. Tendo em vista a figura do leitor como elemento principal do fazer literário, procurou-se averiguar no decorrer dos encontros como se estabelece a relação do mesmo frente ao texto, verificando a atribuição de diferentes significações e sentidos pertinentes a uma mesma obra.

Ao instigar o leitor a não ser passivo diante da recepção do texto, fazendo-o interagir com ele na busca de sentidos para o mesmo e construindo significações através de sua vivência empírica e da materialidade linguística presente na obra, o sentido do movimento realizado entre leitor-texto torna-se circular e dialógico. De acordo com Terry Eagleton, pontos de referência cultural geram significações individuais, e “as significações variam ao longo da história, já os sentidos permanecem constantes; os autores dão sentido as suas obras, enquanto os leitores lhes atribuem significações” (EAGLETON, 1989:73).

Para corroborar com esta afirmação de Terry Eagleton, confirmando a relação dialógica entre texto-leitor, primeiramente os leitores realizaram uma leitura individual do texto *Meninão do Caixote* (1976), e trouxeram para o grande grupo suas primeiras impressões de leitura, o que possibilitou a discussão das mesmas por todos os participantes.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ato criador é apenas um momento incompleto e abstrato da produção de uma obra; se o escritor existisse sozinho, poderia escrever quanto quisesse, e

a obra enquanto objeto jamais viria à luz: só lhe restaria abandonar a pena ou cair no desespero. Mas a operação de escrever implica a de ler, como seu correlativo dialético, e esses dois atos conexos necessitam de dois agentes distintos. É o esforço conjugado do autor com o leitor que fará surgir esse objeto concreto e imaginário que é a obra do espírito. Só existe arte por e para outrem (SARTRE, 1984, p. 36-37).

Como Jean Paul Sartre afirma, é importante atentarmos ao fato de que o leitor, na medida em que realiza sua leitura torna-se um elemento tão fundamental para a concretização da obra literária tanto quanto o autor. O contato do texto-leitor só efetiva-se no momento em que tanto os horizontes do texto como os do leitor encontram-se em harmonia, ou no caso, são fundidos. O leitor, de acordo com Hans Robert Jauss traz vivacidade, pois transforma a obra literária em algo dinâmico, no sentido de que esta obra pode tomar diferentes significações de acordo com as diferentes épocas e diferentes leitores por qual é recebida, fato este exposto por Eagleton:

É claro que os leitores não se encontram com os textos no vácuo: todos os leitores estão social e historicamente situados, e a maneira pela qual interpretam as obras literárias será profundamente condicionada por esse fato (EAGLETON, 1989, p. 89).

Segundo o teórico Hans Robert Jauss, a experiência estética e a busca de sentido da obra literária são elementos distintos que circundam a leitura de um texto, e que não devem ser considerados sinônimos, na medida em que o primeiro não está subordinado ao segundo, mas é dada essencialmente pelo efeito que o texto provoca no seu leitor, delimitando assim o caráter artístico do texto literário que varia de acordo com o estranhamento que o leitor tem ou não em relação à obra.

Garcia Barrientos (1996) aponta que o autor de uma obra deve trabalhar o texto de modo que consiga obter de seu leitor um efeito estético, sendo que, este efeito varia de acordo com o gênero literário da obra e o público a qual está destinada, de modo que o último também determina as normas artísticas e o grau de valoração da mesma. Desta forma, a escolha do gênero literário conto para as leituras e posteriores discussões realizadas no grupo, deu-se em razão do mesmo possuir características que o particularizam pelo efeito imediato que causam no seu leitor e que desse modo facilitam a análise da recepção, principal elemento analisado neste trabalho.

Devido a estes elementos caracterizadores de um gênero tão polêmico em sua definição, mas com tão grande apreço pelos leitores contemporâneos, é que escolhemos

para a leitura e discussão, dentre tantas narrativas, o conto do escritor paulista João Antônio. Não faremos aqui uma análise literária da obra, porque nosso objetivo não é atribuir um “sentido” ao conto ou lê-lo a luz de alguma teoria narrativa, mas sim verificar, na pluralidade de leitores, a recepção particular e como conceitos relativos à teoria da Estética da Recepção, podem contribuir para entendermos melhor a relação texto-leitor.

O conto intitulado *Meninão do Caixote*, pertence ao livro *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1976) do escritor João Antônio. João Antônio é escritor paulista com sotaque carioca, relata em seus contos a arte da malandragem, da sinuca, do submundo do malandro como um “fora da lei”. O conto *Meninão do Caixote* (1976) Em primeira pessoa, mas com variações da primeira despersonalizada em terceira, é contada a trajetória do Meninão do Caixote, o caminho que o leva à jogatina de sinuca, ao botequim, à vida apresentada por seu financiador e “professor de malandragem” Vitorino. Encontrando na vida apresentada uma fuga da mãe ora repressora, ora submissa, e da ausência do pai, Meninão do Caixote encontra no bom tratamento enquanto jogador de sinuca uma espécie de escapismo. Há uma flagrante menção ao jeitinho brasileiro, a malandragem e a minorias que tem seu espaço e identidade constituídos na rua, no cotidiano real destes espaços.

A leitura deste conto pelos participantes do grupo deu origem a registros escritos. Estes registros serão transcritos a seguir privilegiando algumas questões que acreditamos serem de grande relevância para compreendermos o processo de recepção do conto. Pois, como Hélio de Seixas Guimarães afirma sobre o ato recepcional, devemos:

(...) entender a recepção o texto literário não como fim de um processo, nem como algo externo ao texto e independente de sua produção, mas como algo do mundo objetivo que participa do processo de realização da obra (GUIMARÃES, 2004, p. 39).

Acreditamos que, os conceitos que merecem um destaque maior nesse trabalho, ordem prioritária são: efeito primário provocado pela leitura, os vazios presentes na estrutura do texto e o horizonte de expectativas do leitor, a construção do sentido da obra.

A primeira leitura é o momento em que o leitor figura pequenas considerações referentes ao texto bem como suas próprias impressões primárias. A experiência estética

apontada por Jauss pode ser visualizada na fala dos participantes através do efeito provocado pelo texto após a leitura. Os leitores apontam reações e sensações como: tristeza, angústia e estranhamento. Estas impressões, de acordo com Jauss, devem ser consideradas, pois são as sensações ou sentimentos que permeiam toda a leitura direcionando a construção de sentido do texto, por mais que ao final da discussão realizada com o restante do grupo a significação e sentido atribuído em um primeiro momento mudem completamente.

O primeiro leitor, intitulado leitor A, relata que: *Fiquei triste, senti pena do personagem, ao mesmo tempo pena e raiva, ele enganava muito sua mãe.* O leitor B, relata que: *apesar de confuso,,do foco narrativo confuso, gostei muito do conto, é engraçado e triste ao mesmo tempo, além de ter-me feito refletir sobre um mundo que pouco retratado que me fez criar expectativas sobre a trajetória do menino e a sinuca, gosto muito das obras do João Antonio justamente por dar voz a estas minorias, estes fora da lei.* Estas afirmações vão ao encontro do que a Estética da Recepção prioriza. De acordo com Jauss, a experiência estética não deve ter início através de uma compreensão e/ou interpretação do sentido de uma obra ou intenção de seu autor, mas sim, deve-se considerar inicialmente a experiência primária ou efeito, diferentemente da hermenêutica pela qual o texto deve ser inicialmente interpretado.

Quando questionado sobre a empatia (ou não) gerada pela narrativa o leitor A afirma: *Senti empatia sim, pois quem já não procurou, ou procura um significado, um propósito para sua vida? E às vezes, essa identidade, ou melhor, essa busca por sua própria identidade, ocorre em ambientes “pouco ortodoxos”, como é o caso de um bar e uma mesa de sinuca, retrata a vida de um menino e o grupo marginalizado, que é levado por forças maiores a buscar outros meios de ganhar dinheiro.* Enfatizando a dimensão identitária, de busca e configuração da mesma em diversos meios, tal leitor porem estranhou e afirmou “pouco ortodoxo” tal lugar de manifestação e construção da identidade exposta, indo ao encontro da concreta manifestação contemporânea da representação das mais diferentes vozes da literatura brasileira.

Sobre a expectativa, referente ao horizonte de expectativas do leitor, em relação à obra, temos o seguinte relato do leitor A: *é a primeira vez que leio um conto ou obra deste autor, esperei uma história alegre e engraçada por causa do título, da malandragem, deste “mundo” mas, apesar de triste, me surpreendeu relatando seu*

vício e suas artimanhas para vencê-lo. Podemos constatar que, ocorreu com o leitor A uma quebra do horizonte de expectativa alterando assim o mesmo. Já o leitor B, que já conhecia o autor e algumas obras do mesmo, partiu de um horizonte já previamente formado, e afirmou: *os contos deste autor são sempre engraçados e tristes ao mesmo tempo, tratam do brasileiro marginal, de um submundo, acho muito importante isso na literatura, já esperava malandros, decepções, vícios, já esperava.* Jauss, sobre a relação externa e interna do texto com o leitor, pondera:

Assim como em toda a experiência real, também na experiência literária que dá a conhecer pela primeira vez uma obra até então desconhecida há um 'saber prévio, ele próprio um momento dessa experiência, com base no qual o novo de que tomamos conhecimento faz-se experienciável, ou seja, legível, por assim dizer, num contexto experiencial (JAUSS, 1994, p. 28).

Ainda o leitor A, quando questionado sobre se a narrativa deveria ou não ter uma continuação, questionamento calcado na estrutura clássica do conto⁷, de início, meio e fim formadores de uma circularidade e exatidão, o leitor afirmou: *Não sei, pois o conflito dele com a mãe parece terminar quando ele abandona o jogo de sinuca e segue com ela de mãos dadas. Creio que para haver uma continuação, deveria surgir outro conflito, talvez como pai ausente que volta das viagens de caminhão.* Embora balbucie quanto a uma certeza estrutural, este leitor possui um horizonte de expectativas que abarca um conhecimento quanto ao gênero conto e sua estrutura clássica, pois, descreve como e intensamente o conto provocou empatia no leitor, de maneira intensa e rápida. Esta leitura também fora contemplada pelo leitor B, que afirma: *Acho que o conto é muito bom, faz mexer com a imaginação da gente e encerra no ponto exato para não deixar longo demais ou enfadonho.*

Tal leitura difere da do leitor C, que afirma: *Acredito que a narrativa deveria ter uma continuação, o final me pareceu confuso, vago, mas isso é muito por causa da linguagem também... não sei.* De acordo com a afirmação deste pode-se constatar que, o mesmo não possui um horizonte de expectativas consolidado em relação ao gênero literário em questão, pois, sua fala revela um estranhamento em relação ao texto, ao

⁷“El cuento perfecto es concluido simultáneamente por el lector y el autor. Si acontece lo contrario es porque algo fracasa. Esto último suele ocurrir cuando el autor apresura el final, adelantándose e la ritmo del lector y del cuento mismo. (...) en el cuento marchan unidos el que narra y el que lee, a un ritmo cada vez más acelerado, y hacia una meta a la que deben llegar al mismo tiempo” (BARRIENTOS, 1993:114).

afirmar que o mesmo deveria ter uma continuação, não podendo, por conseguinte, conceituar ou discutir questões tão profundas em um tipo de narrativa “limitado” estruturalmente, argumento refutado na medida em que uma das principais características do conto é ser intenso e ao mesmo tempo, condensado. Aqui constatamos um desconhecimento da estrutura do conto, e um enfático indicador do estranhamento em relação à linguagem.

Por fim, podemos constatar a presença consciente de “vazios” através da dificuldade que o mesmo teve em entender a significação de gírias e expressões, e entender situações próprias de uma cultura que tem a sinuca e o boteco como alguns dos principais elementos: *Encontrei dificuldades, particularmente me relação aos termos linguísticos que fazem parte do universo do jogo e da sinuca, os quais eu desconheço totalmente, há a construção de um submundo do qual não tenho nenhum conhecimento*, diz o leitor A. O leitor B também encontrou a mesma dificuldade: *estranhei a mudança de foco narrativo (1ª e 3ª pessoa), mas mesmo assim há uma unidade*. Tais dificuldades apontadas possuem uma relação direta entre linguagem (estrutura) e temática (contexto cultural representado na obra).

Através desta fala, fica explícito que, tanto o leitor A quanto o leitor B, tendo a consciência da existência de “vazios” conceituados por Iser, faz com que os mesmos suscitem dúvidas referentes aos termos linguísticos usados, de que estes vazios muitas vezes não são preenchidos e colocam-se frente ao leitor para um preenchimento que não se efetiva aqui, mas que causa um efeito inconsciente no leitor, ou até mesmo um preenchimento não adequado.

Quanto maior a qualidade estética de uma obra, mais “vazios” poderão ser encontrados no tecido textual da mesma e mais plurissígnica e relativa é a sua linguagem, fazendo assim com que o leitor tenha a possibilidade de interagir ainda mais com a obra. Segundo Regina Zilberman (1989), o estranhamento leitor-texto pode ser decorrente de dois fatores: ou em relação à temática, ou quanto à linguagem, que foi o que constamos respectivamente na recepção destes dois leitores. Porém, averiguamos que apesar do estranhamento, houve identificação com o texto, e que, cada indivíduo priorizou um aspecto de identificação com o mesmo.

O leitor precisa possuir, além da competência sintática, semântica e textual, uma competência específica da realidade histórico-social refletida pelo texto. Para seu

encontro com o texto, traz consigo distintos conhecimentos que interferem de forma direta na recepção. Os conhecimentos prévios do leitor, que aqui são direcionados para uma análise atenta da linguagem e da estrutura, quando frente a um texto literário são “ativados” e relacionam-se diretamente ao ato da leitura, enriquecendo-o.

Sobre o sentido advindo das temáticas apontadas pelos leitores A, B e C, consecutivamente, as respostas foram: o leitor A afirmou que *Para mim, conto aborda principalmente o conflito de gerações, no caso, conflito entre “Meninão do caixote” e sua mãe. Ficou muito claro que é a rememoração da infância, como sua mãe agia com ele, suas atitudes repressoras, moralistas, as surras. O relato de uma infância difícil e o acolhimento no bar que não tinha em casa. Mostra uma mãe que de repressora passa a submissa, e um pai ausente.* Para respaldar tal interpretação, o leitor A citou os trechos: “É. Bilhete para minha mãe me bater, castigo, surra, surra. E papai que viajava no seu caminhão, e quando viajava se demorava dois-três meses” (ANTÔNIO, 1976, p. 83) e “Mamãe me vira chegar, e às vezes, fingia não ver. Depois, de mansinho, eu me deitava. E depois vinha ela e eu fingia dormir. Ela sabia que eu não estava dormindo. Mas mamãe me ajeitava as cobertas e aquilo bulia comigo. Porque ia para seu canto chorosa” (ANTÔNIO, 1976, p.92).

Outra leitura é feita pelo leitor B, que afirma: *para mim, o conto trata do estatuto de tornar-se importante perante os outros, de não conseguir largar a vida famosa entre os botecos. Mostra o nascimento, apogeu e decadência de um menino que se encanta por um mundo e a decadência de tal mundo, a questão do dentro e fora da lei, trapaças, das maneiras de burlar a sociedade capitalista e “malandrear”.* Tal constatação é exemplificada pelos trechos seguintes, apontados pelo mesmo leitor: “Joguei, joguei muito, levado pela mão de Vitorino, joguei demais.” (ANTÔNIO, 1976, p. 88) e “Meninão do caixote... Este nome corre as sinucas da abaixa malandragem corre Lapa, Vila Ipojuca, corre Vila Leopoldina, chega a Pinheiros, vai ao Tucuruvi, chega até Osasco. Ia indo, ia indo. Por onde eu passava, meu nome ficava. Um galinho de briga, no qual muitos apostavam, porque eu jogava, ia lá ao fogo do jogo e trazia o dinheiro” (ANTÔNIO, 1976, p. 89).

Por fim, o leitor C aponta como temática central que se trata de: *um conto sobre a memória, sobre a possibilidade de refletir sobre a vida e seus momentos, poder ver a si mesmo em outro tempo através da memória e julgar os rumos e decisões, do descaso*

dos pais, da difícil vida em família, da mudança de escola, de bairro, como aconteceu com o Meninão do Caixote. Tal afirmação fora apontada por, dentre outros, tais trechos: “Mamãe nervosa comigo, porque sempre nervosa? Quando papai não estava, os nervos de mamãe ferviam. Tão boa sem aqueles nervos... Sem eles não era preciso que eu ficasse encabulado, medroso, evitando irritá-la mais ainda, catando as palavras, delicado, tateando. Ficava boçal, como quando ia limpar a fruteira de vidro da sala de jantar, aquele medo de melindrar, estragar o que estava inteiro e se faltasse um pedaço já não prestaria mais.” (ANTÔNIO, 1976, p. 84); “Para mim, moleque fantasiando coisas na cabeça... Um dia pequei no taco.” (ANTÔNIO, 1976, p. 88).

Podemos constatar, através dos apontamentos dos leitores, que temos três diferenciadas leituras sobre o sentido do conto, como em um jogo de sinuca, cada ângulo, cada olhar lançado sobre a mesa e os elementos presentes na mesma, gera um efeito diferente. O leitor *A* priorizou a infância, a relação entre o personagem principal e sua mãe, relação marcante no decorrer da trama. O leitor *B*, por sua vez, enfatizou a construção de uma identidade individual (e coletiva) do personagem e a manifestação da mesma no contexto cultural em que o mesmo se inseria; e por fim o leitor *C* deixa clara a realização de análise focada na estrutura do conto, no enredo memorialístico, do estilo descritivo. De acordo com os dados analisados sobre as diferentes leituras possíveis através do preenchimento de vazios pelo leitor, o autor Terry Eagleton reforça a tese de que:

O significado não é apenas uma coisa “expressa” ou “refletida” na linguagem- mas sim é *produzido* por esta linguagem. Não se trata de já possuímos significados, ou experiências, que em seguida revestimos de palavras; só podemos ter os significados e as experiências porque temos uma linguagem na qual eles se processam. Isso sugere, além do mais, que nossa experiência como indivíduos é social em suas raízes, pois não pode haver nada como uma linguagem particular, e imaginar uma linguagem é imaginar toda uma forma de vida social” (EAGLETON, 1989, p.66).

É importante destacar que, embora todo o texto literário abarque uma gama de plurissignificações e sentidos possíveis de acordo com a leitura particular de cada leitor, atentamos que as hipotéticas leituras estão dentro de certos limites do próprio texto enquanto materialidade linguística, o que significa, portanto, que cada leitura está de certa forma condicionada a alguns limites oferecidos pelo próprio texto, ficando a cargo do leitor saber identificar os limites do mesmo. Portanto, alertamos que as inúmeras leituras e atribuições de sentidos diferenciadas de uma mesma obra são sim possíveis,

porém sem idiossincrasias e autoritarismos por parte do leitor sobre o sentido de um texto, leitor este que agora se coloca numa posição de igualdade com a obra e o autor.

A troca de impressões e buscas de sentidos diferenciados converge para uma plurisignificação já presente no texto e buscada por todos os indivíduos que, através de suas exposições tentam demonstrar por meio da estrutura e materialidade do texto, somadas a suas experiências, a razão de suas impressões, compreendendo desse modo como o leitor construiu suas significações e sentidos no decorrer da leitura. Tal processo respalda a importância da leitura individual e posteriormente a leitura e discussão realizada coletivamente.

5. CONCLUSÃO

Neste trabalho analisamos o ato da recepção literária no conto *Meninão do Caixote* (1976) por alunos pertencentes ao grupo de leitura e discussão de contos “Ler e Contar, Contar e Ler”. Para tal, utilizamos o escopo teórico da Estética da Recepção, onde encontramos elementos conceituais como leitor empírico e leitor real, horizonte de expectativa, vazios e primeiras impressões, dentre outros, que sustentaram a possibilidade de diferentes leituras realizadas pelos participantes, corroborando para a valorização do leitor, foco deste estudo.

O ato de interação com o texto literário só ocorre com a participação do leitor, no sentido de que o leitor não somente extrai um significado trazido com o próprio texto, mas também lhe atribui significados. É importante reafirmarmos que diversas leituras podem ser feitas sobre uma mesma obra, dependendo do critério utilizado pelo receptor, critério este que perpassa todos os elementos que constituem a visão de mundo do leitor que se encontra diante do texto.

Como podemos constatar, Wolfgang Iser concede ao leitor um grande grau de participação na construção de sentido do texto. Segundo este autor, diferentes leitores têm a liberdade de concretizar a obra de diferentes maneiras, não havendo uma única interpretação correta que esgote o seu potencial semântico. Isso, porém é condicionado por uma instrução rigorosa: o leitor deve construir o texto de modo a torná-lo internamente coerente. Coerência esta, que se faz presente nas atribuições de sentido e leituras justificadas pelos leitores do conto.

Diante dos aspectos abordados, inferimos que ocorreu significativa interação entre texto-leitor há diferenças na recepção da obra em relação aos três leitores, e que as mesmas são justificadas, o que respalda uma mudança no circuito de valorações autor-obra-leitor. O texto literário não foi deformado, foi apenas lido sob os olhares mais diversos. Tais leituras foram cabíveis e servem para nós, futuros professores lidarmos de modo mais consciente com a prática mediativa em sala de aula.

6. REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

BARRIENTOS, Garcia J.L. *La recepción literaria: el lector*. In: *El lenguaje literario*. Madrid, 1996.

BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1996.

CANDIDO, Antônio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ISER, Wolfgang. *A interação do texto com o leitor*. In: JAUSS, H. R. et al. (Org.). *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, H. R. *A estética da recepção: colocações gerais*. In: COSTA LIMA, L. (org.). *A literatura e o leitor, textos da estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LINARES, Luis Barrera. *Apuntes para una teoría del cuento*. In: _____; PACHECO, Carlos; (compiladores). *Del cuento e sus alrededores*. Caracas: Monte Ávila- Latinoamericana, 1993.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.